



• ARTIGOS LIVRES: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, CARTAS E PESQUISA, EDUCAÇÃO SUPERIOR PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO E GÊNERO NO TRABALHO E AÇÕES AFIRMATIVAS E EPISTEMICÍDIO

• DOSSIÊ: CIUDADANÍA PLANETARIA EN RE-LIGAJE DE LOS DERECHOS HUMANOS: ESENCIAS DECOLONIALES

• PAUTAS INSUBMISSAS: RESENHA E ENSAIOS

Revista Debates Insubmissos



REVISTA DEBATES INSUBMISSOS

ANO VI – V.6, Nº 23 – Set. Out. Nov. Dez. de 2023 – ISSN 2595-2803

É uma publicação quadrimestral editada pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As ideias e opiniões contidas em artigos assinados ou entrevistas nesta publicação são de responsabilidade de seus(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, o pensamento epistemológico e político deste Grupo de Pesquisa ou de seus Editores.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Debates Insubmissos / Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, Universidade Federal de Pernambuco. – Vol. 1, n.1 (abr. 2018). – Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, 2018- .

Quadrimestral

ISSN 2595-2803

1. Movimentos Sociais – Periódicos. 2. Educação e Diversidade – Periódicos. I. Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

CDD (23.ed) 303

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
GRUPO DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa

Carol Virgínia Góis Leandro

Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Allene Carvalho Lage

Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Everaldo Fernandes da Silva

Editores

Allene Carvalho Lage, Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses

Conselho Editorial Nacional

Adriano de León (UFPB); Alexandra Lima (UERJ); Ana Elisa de Castro Freitas (UFPA); Anderson Ferrari (UFJF); André Ferreira (UFPE); Benedito Medrado (UFPE); Caetano de Carli (UFRPE); Cássio Eduardo Viana Hissa (UFMG); Conceição Clarete Xavier Travalha (UFMG); Danilo Streck (UNISINOS); Debora Cristina Rezende de Almeida (UnB); Ernani Rodrigues de Carvalho Neto (UFPE); Everaldo Fernandes (UFPE); Fernando Guilherme Tenório (FGV); Gildemarks Costa e Silva (UFPE); Inês Virgínia Prado Soares (Unicamp); Jader Ferreira Leite (UFRN); Jaqueline Barbosa (UFPE); Jefferson de Souza Bernardes (UFAL); Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE); Júlia Figueredo Benzaquen (UFRPE); Lemuel Guerra (UFCG); Lourenço da Conceição Cardoso (UNILAB); Luis Távora Furtado Ribeiro (UFC); Luiz Augusto Passos (UFMG); Márcia Nina Bernardes (PUC/RJ); Márcio Caetano (FURG); Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG); Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (FIOCRUZ); Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL); Maria do Carmo Gonçalo Santos (UFPE); Maria Lúcia Lima (UFPA); Maria Luiza Alencar (UFPB); Mario de Faria Carvalho (UFPE); Mary Ferreira (UFMA); Míriam de Fátima Chagas (MPF/RS); Mónica Franch (UFPB); Nélio Vieira de Melo (UFPE); Orlandil de Lima Moreira (UFPB); Oscar Rover (UFSC); Rebecca Abers (UnB); Regina Facchini (UNICAMP); Telmo Adams (UNISINOS); Thiago Aparecido Trindade (UnB); Thula Rafaela de Oliveira Pires (PUC/RJ); Virgínia Leal (UFPE).

Conselho Editorial Internacional

Ana Maria Simões Azevedo Brandão (UMinho - ICS, Portugal); Bruno Sena Martins (CES-UC, Portugal); Eugénie Eyeang de Libreville (ENS, Gabão); Eurídice Monteiro (UCV, Cabo Verde); Evangelina Bonifácio (ESEB- IPB, Portugal); Fatima Viegas (UAN, Angola); Fernando Lopez Parra (IAEN, Equador); Fodé Abulai Mané (FDB, Guiné-Bissau); Hector Fabio Ospina (UM, Colômbia); Inés Fernandez Moujan (UNRN, Argentina); Isabel Casimiro (UEM, Moçambique); José Antonio Frías (US, Espanha); José Maria Hernandez (US, Espanha); José Tranier (UNR, Argentina); Michel Maffesoli (UPD, França); Odair Barros Varela (UCV, Cabo Verde); Osvaldo Moreira (UNI – Paraguai); Pauline Mendes (INEP, Guiné-Bissau); Zélia Anastácio (UMinho, Portugal).

Redação

Ayanne Priscila Alves Sobral (UFBA); Cinthia Genelice dos Santos (UFPE); Elba Ravane Amorim (UFPE); Ericka Omena Erickson (SFSU - Estados Unidos); Fábiana Roseana Souza Oliveira da Silva (UFPE); Filipe Antonio Ferreira da Silva (UFPE); Jessica Priscila Garcia de Souza (UFPE); Joana Teixeira Ferraz da Silva (UMinho, Portugal); Letícia Oliveira de Souza (UFPE); Marciano Antonio da Silva (UFPE); Márcio Rubens de Oliveira (UFPE); Rafaela Sofia Gonçalves Ribeiro (UMinho, Portugal); Rubem Viana de Carvalho (UFPE); Sérgio Antônio Rêgo (UMinho, Portugal), Simone Salvador de Carvalho (UFPE).

Tradução e/ou Revisão dos Resumos

Ericka Omena Erickson e Veríssimo Ferreira da Silva

Projeto Gráfico

Ubiratan Egito

Capa

Mosaico de imagens elaborado pelo designer Janielson Cavalcante de Almeida.

EDITORIAL

EDITORIAL

Chegamos ao final de mais um ano da Revista Debates Insubmissos, completando o sexto de existência, com três números publicados em cada ano, além de mais cinco números especiais também publicados nesse período, perfazendo um total de vinte e três edições. Uma conquista e tanto, para uma revista de uma universidade pública que conta com o trabalho voluntário de professores/as e principalmente de pós-graduandos/as do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, da Universidade Federal de Pernambuco.

Nos nossos editoriais estão presentes momentos importantes da sociedade brasileira e também mundial. Alguns trágicos, outros nem tanto, alguns cheios de esperanças, outros muito nublados, alguns em tom de desabafos, outros expressando desejos. Mas, todos olhando para a realidade dos nossos tempos, buscando compreender as questões que nos interrogavam a cada edição.

Nesse editorial, procuro refletir sobre um tema, que já está se tornando um ponto de preocupação social, educacional, política e ética, além de afetar outras dimensões societárias, que são os desdobramentos do uso da Inteligência Artificial (IA).

A IA se constitui num dos avanços mais promissores da humanidade e a sua utilização abre um leque de possibilidades para a melhoria e ampliação da compreensão humana em todas as áreas do conhecimento – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias/Tecnologias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. Com isso, a IA poderá contribuir para múltiplas aplicações em benefício da humanidade. Desde a recomposição do passado e o reconhecimento dos fundamentos e da profundidade dos conhecimentos ancestrais, da recontextualização dos conhecimentos produzidos pela ciência, da otimização dos processos produtivos, da produção de alimentos com menor impacto ao meio ambiente, dos avanços das tecnologias de comunicação e do uso da informática inteligente, do uso na área da saúde, da redução das

desigualdades sociais até a ampliação de suas fronteiras, frente aos desafios presentes nas ciências de modo geral.

Apesar de estarmos já desvendando os impactos positivos da IA no mundo e em várias áreas e campos sociais, há também o espectro do seu uso ilícito, já em curso e que nos assusta profundamente, enquanto sociedade, pois ainda não sabemos até aonde ela poderá nos levar e o que poderemos, enquanto sociedade humana.

Não é por acaso que a IA entra em todos os debates mundiais dos grandes organismos internacionais – como o Fórum Econômico Mundial –, onde estão presentes os líderes da imensa maioria dos países do mundo, preocupados não apenas com os seus avanços e desdobramentos, mas principalmente pelos usos ilícitos e efeitos indesejáveis que podem afetar negativamente, de várias maneiras, o cotidiano da população no globo.

Dentre esses usos ilícitos, a área da educação já começa a sentir os primeiros impactos da IA na formação de estudantes do ensino médio até a pós-graduação. A produção de textos e áudios, inclusive científicos pela IA, a partir de determinados sistemas como ChatGPT¹, a medida em que se torna acessível à sociedade, reduzem o esforço intelectual, o potencial da aprendizagem e afetam a qualidade da formação de estudantes, no que se refere ao uso ilícito na produção do conhecimento – que sempre foi decorrente de muitos anos de estudo – aos imediatos resultados artificiais da produção de textos escolares e acadêmicos, baseado na otimização do conhecimento existente dentro da Internet.

Além disso, esse tipo de uso ilícito, que nem caracterizado como plágio pode ser, e por isso não temos ainda instrumentos pedagógicos e de contenção, nos deixa, enquanto professores/as e bancas julgadoras, descobertos na avaliação do que foi produzido pela IA e não pelos discentes. Tudo isso, poderá inclusive afetar aos inúmeros periódicos científicos que recebem artigos, ensaios, resenhas entre outros, no qual seus editores não têm ferramentas para detectar o que foi produzido pela IA.

A democracia é outro campo que, certamente, já aparece como um terreno minado a ser enfrentado, como a produção de vídeos que usa IA alterando rosto e voz de pessoas – também

¹¹ O ChatGPT é baseado em redes neurais artificiais com uma arquitetura capaz de analisar e gerar grandes quantidades de texto, aprendendo padrões, contexto e tom de voz a cada interação. Utilizando toda a base disponível, o sistema compreende as necessidades do usuário e define um conjunto menor e específico de dados relacionados ao tema. É esse ajuste fino às informações que permite uma adaptação melhor para as tarefas solicitadas e maior qualidade nas respostas (<https://botmaker.com/pt/publicacoes/chatgpt-como-usar-empresas/>).

chamada de *deepfake*, fazendo assim, a manipulação de áudios, principalmente postados na Internet. Isso há alguns anos atrás, seria algo inimaginável, pois se as imagens produzidas por vídeos sempre foram garantia de provas da verdade, agora com a *deepfake*, o que a gente vê e escuta perderá de vez o *status* de verdade e entrará para o de suspeição.

Se o enfrentamento às *fake news* na campanha eleitoral de 2022 para presidente no Brasil exigiu uma atuação forte e rápida do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para evitar prejuízos às campanhas eleitorais dos/as candidatos/as, com o advento da IA, a atuação do TSE deverá ser rapidamente definida, de modo a construir uma regulação, com instrumentos de verificação – se é que seja possível – e coibição dos vídeos manipulados, que provavelmente aparecerão nas campanhas eleitorais desse ano.

Então, as próximas eleições, em outubro deste ano, já exigirá uma nova e urgente regulação de criminalização e punição rigorosa destes atos ilícitos, que se não ocorrer, poderá deixar a democracia brasileira em risco de eleger candidatos/as manipuladores, não apenas de *fake news* das quais já conhecemos – em textos e imagens estáticas espalhadas em grupos de WhatsApp e redes sociais –, mas de *deepfakes*, que se apresentarão como imagens vivas e textos falados e gesticulados, que tornarão muito mais difícil desmentir o suposto fato difundido para a maioria da população.

Nessa direção, as Câmaras Legislativas na maioria dos países, assim como no Brasil – o Congresso Nacional juntamente com o Poder Judiciário – têm o enorme desafio de produzir uma legislação clara que permita ser aplicada, antes mesmo do início de suas campanhas eleitorais. A discussão no momento gira em torno de como obrigar as campanhas eleitorais a mencionarem sobre o uso de uma imagem produzida por IA. Se com a *fake news* as eleições de 2022 exigiram uma atuação rigorosa do TSE, imagine como deverá ser desafiante a atuação no enfrentamento dos produtos realizados a partir da IA.

Na Internet, esse lugar avassalador de difusão e de impacto na comunicação de massa, através das redes sociais, já é possível encontrar de forma ampla *fake news* elaboradas por *deepfake*, especialmente na publicidade de supostos medicamentos e fórmulas falsas para alguns tipos de doença, anunciados por médicos famosos ou mesmo âncoras de jornal televisivo. Casos como esses levam a população a adquirir supostos medicamentos com fórmulas *fakes*, que além

de não apresentar resultado algum, ainda podem fazer mal a saúde das pessoas que os consomem, e que sonham com fórmulas fáceis e acessíveis para vários tipos de cura.

Nesse sentido, os impactos ilícitos da IA anunciam de imediato a necessidade de criação de novos instrumentos de controle, legislação e criminalização sobre usos ilícitos, não apenas dos que produzem este tipo de manipulação, mas também de responsabilização das redes sociais pela permissividade com que estes vídeos estão sendo postados e compartilhados de forma descontrolada. Esse é o nosso mais novo desafio, enquanto sociedade.

Desafio posto, sigamos para as discussões propostas nesta edição. Este número, o 23, seguindo a estrutura da Revista, é composto por artigos, resenha e ensaios em conformidade com as suas seções basilares.

Após este editorial, apresentamos a **Seção Artigos Livres**, onde a mesma está composta por cinco artigos com temas variados. No primeiro artigo, de autoria da Doutora Gabriela Nobre Bins (UFRGS), Doutora Lisandra Oliveira e Silva (UFRGS) e da Mestranda Leticia Gomes Farias (UFRGS), intitulado **Reflexões sobre as relações étnicos raciais: escola e branquitude**, são discutidos resultados de uma Tese de Doutorado e de diálogos entre professoras da Educação Básica e do Ensino Superior, da cidade de Porto Alegre/RS, o texto traz reflexões sobre o conceito de branquitude e como este se reflete no cotidiano da escola. Segundo as autoras, o artigo discute como operam os privilégios raciais, simbólicos e materiais que os sujeitos brancos detém no interior das dinâmicas da escola e como isso vai perpetuando as hierarquias na sociedade.

O segundo artigo de autoria do Doutor Rodolfo Eduardo Vertuan (IFPR), do Doutor Clodis Boscarioli (UNIOESTE) e da Doutoranda Fernanda Marchiori Grave (IFPR), denominado **O uso de cartas na apresentação de pesquisa científica como possibilidade de insubordinar-se criativamente**, discute a importância da insubordinação criativamente de pesquisadores quanto à escrita e ao formato de apresentação de nossas pesquisas. Segundo seus/as autores, partem do pressuposto do Movimento da Insubordinação Criativa na Educação Matemática ao trazerem reflexões sobre a necessidade de o Educador/Pesquisador se questionar sobre os padrões de escrita e de apresentação existentes em sua área, na perspectiva de fomentar novas possibilidades de escrita e formato de apresentação de pesquisas e de identificar o uso de cartas nessa atividade.

No terceiro artigo, o Doutor Roberto Kanaane, a Mestra Lucileila do Rosario Queiroz e a Mestra Adriane Camargo Rezende Perdigão (todos da CPS-SP), nos apresentam o artigo **Análise do desempenho de alunos de educação superior profissional tecnológica a partir de um modelo de ingresso**, no qual analisam a existência de diferença no desempenho dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior Profissional Tecnológica, sob a ótica da modalidade de ingresso (vestibular com prova escrita vs análise do histórico escolar). Segundo os/as autores/as, os resultados obtidos constataram que existe diferença entre as médias das notas dos alunos em valores absolutos, porém tal diferença não é estatisticamente significativa de acordo com o teste t de comparação de médias independentes.

No quarto artigo, de autoria da Doutora Daniela Oliveira Ramos dos Passos, da Doutora Renata Garcia Campos Duarte e da Pedagoga Isabelle Guedes Patrocínio (todas da UEMG), com o título **“Mundos do Trabalho”, Educação e Gênero: I Congresso Operário Mineiro e uma análise da presença feminina no jornal O Confederal** tem por objeto investigar as relações construídas entre o trabalho feminino e a educação, em Belo Horizonte, no início do século XX, no âmbito do processo de formação do mercado de trabalho livre no Brasil, a partir da análise do I Congresso Operário Mineiro, que criou o Centro Confederativo Mineiro e o seu porta voz, o jornal O Confederal. Segundo as autoras, buscou-se as diferentes formas de representação das mulheres na imprensa operária como operárias, a partir de um viés que as atrelava às tarefas domésticas ou de outras formas.

E no quinto e último artigo dessa Seção, elaborado pela autoras Doutora Sabrina Finamori, Mestranda Steffane Pereira Santos e Mestranda Rafaela Rodrigues de Paula (todas da UFMG), sob o título de **Subversivos olhares epistemológicos: Xperiências que atravessam das ações afirmativas à ruptura com o epistemicídio**, objetiva discutir, segundo suas autoras, como a Lei de Ações Afirmativas, ao promover a inserção de pessoas negras enquanto estudantes nas universidades, conseqüentemente propõe um giro epistemológico nas produções acadêmicas. Nesta direção, as autoras fundamentaram sua pesquisa em duas perspectivas de análise: (1) o lugar da experiência (SCOTT, 1998) e a dimensão da posicionalidade (HARAWAY, 1995) frente à lei de cotas e (2) a mobilização de epistemologias contra-hegemônicas e decoloniais construídas por intelectuais negras na área das Ciências.

A Seção Dossiê, com o tema **Ciudadanía Planetaria en Re-Ligaje de los Derechos Humanos: Esencias Decoloniales**, sob a coordenação da Doutora Milagros Elena Rodríguez (Universidad de Oriente/Venezuela), do Doutor Ivan Fortunato (IFSP) e o doutor Antônio Ribeiro de Almeida Júnior (ESALQ-USP), reúne cinco artigos.

O primeiro deles, da Doutora Larissa Ferreira Rodrigues Gomes, da Especialista Elaine Ferreira Wetler e da Mestranda Bianca Pereira Carvalho (todas da UFES), é intitulado **O coração da criança pode bater no ritmo da terra na escola? Por uma cidadania planetária desde a educação infantil**. O segundo artigo do Doutor Jairo Portillo Parody (Universidad del Zulia – Venezuela), é denominado **Cubagua, Venezuela, les voy a narrar. Relato postcolonial**. O terceiro artigo dos/as autores Doutor Tiago Eurico de Lacerda e Doutora Daniele Saheb Pedroso (ambos da PUCPR) tem por título **Educando para a complexidade: o papel da formação docente no despertar da consciência planetária**. O quarto artigo, da Doutora Milagros Elena Rodriguez (Universidad de Oriente, Departamento de Matemáticas – Venezuela) é designado por **La ciudadanía planetaria en el re-ligaje de los derechos humanos como esencias decoloniales**. E quinto e último o artigo da Doutora Maria Luisa Jimenez Jimenez, da Doutora Kathleen Tereza da Cruz (UFRJ) e da Doutora Maria Paula Cerqueira Gomes (todas da UFRJ), intitulado **O “Combate” a “Obesidade”: dispositivos de tortura e castigo em nome da saúde**.

Finalmente, a **Seção Pautas Insubmissas** reúne quatro trabalhos decorrentes de pesquisas.

No primeiro trabalho, o Doutor Altamir Botoso (UEMS) apresenta uma resenha denominada **Desafios, alegrias e tristezas de personagens femininas em 25 contos de escritoras granadinas**, referente ao livro *Escribiré tu nombre*, organizado pela escritora Elvira Cámara Aguilera. Segundo o autor, trata-se de um volume de contos nos quais dez escritoras, a maioria delas proveniente de Granada, na Espanha, abordam questões relacionadas ao universo feminino entrelaçando suas memórias com elementos ficcionais sobre mulheres que vivenciam conflitos e dificuldades do mundo contemporâneo.

No segundo, a Doutoranda Suzane Carvalho Domingos (UFJF) traz o ensaio **As múltiplas formas de opressão e dominação impostas às mulheres negras e o direito à autorrepresentação**, no qual, segundo a autora, resgata o pensamento da ativista Ana Júlia Cooper quando afirma que o direito a autorrepresentação e participação em movimentos políticos

é condição essencial para a superação do servilismo, da objetificação, rompendo assim com as múltiplas formas de opressão e dominação sobre as mulheres pretas e pardas.

O terceiro, de autoria do Doutor Luciano Amaral Oliveira (UFBA), apresenta um ensaio denominado **Cosmopolitismo Acadêmico: trânsito de saberes**, que trata da relação tensa entre o conhecimento científico, herança eurocêntrica do positivismo, e os saberes não acadêmicos, *i.e.*, os saberes tradicionais, populares, locais. Segundo seu autor, a partir da discussão dessa relação, é proposto que a universidade adote uma postura academicamente cosmopolita para promover o trânsito de saberes e intensificar o diálogo entre as diferentes formas de conhecimento.

E por fim, a síntese dos resultados de uma pesquisa de autoria do Doutorando Achegar Tiodósio Matias (Universidade Católica de Moçambique) denominada **Aplicação pedagógica das plataformas de comunicação digitais como ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem na formação contínua de professores do ensino primário em Moçambique**, no qual aborda a aplicação das plataformas de comunicação digitais como ferramentas educacionais na esfera escolar e como instrumento de formação contínua de Professores do ensino primário em Moçambique. Segundo o autor, a pesquisa foi desenvolvida a partir da realização de um curso de formação continuada para Professores do Ensino primário (IFP) Alberto Joaquim Chipande na Cidade de Pemba em Cabo Delgado. Os dados analisados demonstraram a relevância ao uso das plataformas de comunicação digitais no espaço escolar, reconhecendo-as como instrumentos potencializadores e enriquecedores do processo de ensino e aprendizagem.

Assim está organizada essa edição, que ensejamos estar à altura do interesse dos nossos leitores, formados especialmente de pesquisadores/as, doutorandos/as e mestrandos/as. E nesse sentido, que o nosso trabalho de editores/as de periódicos científicos dentro das universidades possa, sempre e cada vez mais, contribuir com o avanço da ciência brasileira, pautada na diversidade, na justiça cognitiva e na qualificação da educação. Que sejamos sempre árvores, a matar a fome de conhecimento da nossa sociedade.

Dias quentes de janeiro de 2024.

Allene Lage

(Co-editora)